

LESSA, Patrícia. **Chanacomchana e outras narrativas lesbianas em Pindorama.** Belo Horizonte: Editora Luas, 2021 (296 p.)

Sobre o livro: Este livro é uma releitura da tese da autora intitulada *Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006)* – primeira tese sobre o tema no Brasil, defendida por Patrícia Lessa na UnB. Agora em formato de livro, publicado pela Editora Luas, com discussão atualizada e ampliada, a autora nos apresenta uma análise lesbofeminista ancorada em um arcabouço teórico multidisciplinar. O livro aborda os movimentos lesbianos desde o final da década de 1970, com a construção do Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF), e, posteriormente, da Rede Um Outro Olhar (UOO), vasculha as narrativas da imprensa lesbiana ao estudar o jornal *Chanacomchana*, os boletins *Chanacomchana*, *Iamuricumá* e *Um Outro Olhar*. Das muitas contribuições deste livro, destaca-se o rompimento dos silêncios sobre as lesbianas, tornando-as visíveis, bem como a inscrição do ativismo lésbico na história dos movimentos feministas no Brasil e nos registros acadêmicos, com a pretensão de detectar as redes de sentido que compõem a existência lesbiana, suas estratégias e práticas de visibilidade, por intermédio da mediação dos discursos impressos. O livro conta com prefácios da escritora Ana Carla Lemos e da pesquisadora Cláudia Maia (Unimontes), e a arte da capa feita pela artista Elisa Riemer.



Sobre a autora: Educadora e escritora, atualmente docente na Universidade Estadual de Maringá, realiza pesquisas na área de Epistemologia Feminista e Ecoveganismo. Possui graduação em Educação Física (UFPEL-RS) e em História (Uninter/PR), Mestrado em Filosofia da Educação (UNICAMP); Doutorado em Estudos Feministas pelo Programa de Pós-graduação em História (UnB-DF) e Pós-doutorado em Letras (UFF-RJ). Atua no ensino universitário presencial e à distância, formal, informal e popular. Autora dos livros: *O Resgate do Touro Vermelho*, *Amor & Libertação em Maria Lacerda de Moura*, *Mulheres à Venda* e *Mestre Puma e Larissa Cunha na História da Musculação Competitiva*. Organizadora dos livros: *Relações multiespécies em rede: feminismos, animalismo e veganismo*; e *Relações interseccionais em rede: feminismos, veganismos e animalismos*, dentre outros.

APRESENTAÇÃO

Uma das epígrafes que inicia esta obra, a frase de Marielle Franco “As rosas da resistência nascem do asfalto”¹ foi dita após ela receber rosas de um homem no plenário da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, enquanto ela fazia um pronunciamento sobre o dia Internacional da Mulher, dia 8 de março de 2018. Foi seu último discurso na Câmara. Alguns dias depois, em 14 de março, ela foi assassinada brutalmente no centro da cidade do Rio de Janeiro. O caso ganhou repercussão internacional e até hoje não foi desvendado em função de mudanças propositais na equipe de investigação, realizadas por influentes políticos ligados às milícias do Rio de Janeiro. O narcogoverno e as milícias já são bastante conhecidos por sua atuação política no Brasil, favorecendo grilagem de terras, invasão de áreas de preservação para turismo predatório, venda de armas e de drogas ilegais, entre outros crimes acobertados pelo Estado e pela sociedade. O assassinato de Marielle Franco, por outro lado, gerou a proposta de criação do Dia de Luta Contra o Genocídio da Mulher Negra, no Rio de Janeiro. Simbolicamente nos deram rosas para abafar o lamento de dor pelas nossas irmãs negras que são exterminadas em massa nas ruas brasileiras, mas não podemos esquecer que foi Marielle quem nos ensinou: “devemos seguir de punhos cerrados”. Nós queremos punição para os assassinos!

Ao iniciar o texto com a voz de Marielle Franco e de bell hooks, me recoloco na escrita de um texto iniciado em 2003 e publicado em 2007 como tese de doutorado. A voz das mulheres negras,

indígenas, lesbianas e outras tantas é o que faz das lutas feministas contemporâneas um local de resistência, de afirmação e de emancipação com relação ao feminismo hegemônico, branco e euro-norte-americano. É preciso descolonizarmos os nossos corpos e nossas narrativas para olharmos ao nosso redor e vermos que a caminhada é longa. Em Abya Yala somos uma multidão de etnias e culturas que vivenciam o corpo, o sexo, a sexualidade, a maternidade, a lesbianidade de modos distintos – e são estas experiências que nos proporcionam um registro de nossas memórias.

O texto que ora apresento é uma releitura da tese *Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006)*. É importante, nesta retomada, marcar posição indicando que a pesquisa ocorreu na área da epistemologia feminista, campo que ganhou contornos mais fortes quando as ciências duras, juntamente das humanidades e artes, colaboraram na construção de ferramentas e métodos de análise para o trabalho científico e acadêmico. Os feminismos, nesta perspectiva, são o solo que alimenta os estudos lesbianos. Os estudos feministas são plurais, muitas e diferentes perspectivas se encontram e desencontram.

No início dos anos 2000, um grupo de pesquisadoras feministas da Universidade de Brasília ousou criar uma linha de pesquisa em Estudos Feministas no curso de História. Tânia Navarro Swain foi a mentora do projeto que contou com a parceria de Diva do Couto Gontijo Muniz, Rita Segato, Lourdes Bandeira, dentre outras. Digo *ousou*, pois, por um lado, as

¹ 1 Marielle Franco disse a frase citada ao receber flores em homenagem ao Dia da Mulher, ver em:

<https://medium.com/revistahelenas/as-rosas-da-resistencia-nascem-do-asfalto-5f51bf84f5c1>.

universidades brasileiras ainda consideravam a área como de menor importância e, por outro, emergia uma nova onda de discursos antifeministas vociferando uma suposta igualdade de gênero. Se as mulheres haviam conquistado postos, por que ainda haveria necessidade de estudos e de práticas feministas? Longe de minguar ou acabar, como o prenúncio patriarcal recente nomeou de pós-feminismo, na tentativa de silenciar e docilizar as mulheres, observamos que no período da pandemia de covid-19 aconteceu um levante feminista mundializado e multiconectado que está fazendo frente à crescente onda de feminicídio – fruto do ultraconservadorismo e dos narcogovernos –, que atuam exterminando pessoas humanas e não humanas. Foi no contexto da criação da linha de pesquisa em Estudos Feministas na Universidade de Brasília que este trabalho teve início e, nesta ocasião, revejo meu percurso e reescrevo com novas parcerias e experiências.

Durante este período tive oportunidade de participar de alguns encontros feministas, eventos de estudos de gênero e estudos *queer*. Em alguns momentos pontuais que quero aqui registrar, pude presenciar o medo ou a repulsa aos feminismos. Em uma ocasião, fui convidada a participar como avaliadora em uma banca de doutorado em uma universidade no Rio Grande do Sul. Na ocasião, fiz a leitura do meu parecer onde apontei alguns aspectos do sistema patriarcal que haviam sido invisibilizados no texto da tese. Uma senhora, que era a orientadora da pesquisa, rapidamente tratou de dizer que o termo patriarcado estaria “fora de moda”. Retomo a questão, pois o que vemos é o contrário: o termo patriarcado diz muito sobre o mundo em que vivemos. A cultura, as estruturas e as

relações políticas, sociais e econômicas continuam, majoritariamente, favorecendo os homens brancos, cisgêneros, heterossexuais e adultos. Creio que acenar para o fim do uso da palavra patriarcado já é mais um indício de uma violência contra as mulheres, tendo em vista que o feminicídio cresceu mesmo diante de leis e de estruturas para o seu combate. Em outro momento, pude ver uma palestrante em um evento sobre estudos *queer* no Rio Grande do Norte afirmando que as “feministas uterinas são muito raivosas”. Nada de novo no horizonte! O medo e a repulsa aos feminismos são históricos e nos remetem ao início do século XX. Além disso, o termo “uterina” devolve as mulheres ao local do corpo dissociado da mente, tal qual o fizeram os cientistas que inventaram a histeria para justificar as milhares de internações forçadas e o uso de mulheres como cobaias nas experiências científicas, muitas delas levadas à morte por tratamentos invasivos e entorpecentes.

Nestes dias, enquanto escrevo estas linhas, leio a notícia divulgada pela Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA) do brutal assassinato da jovem de 14 anos, Daiane Griá Sales, indígena kaingang moradora do Setor Bananeiras da Terra Indígena do Guarita no Rio Grande do Sul. Seu corpo foi violado, dilacerado, as partes inferiores foram arrancadas e jogadas aos pedaços ao lado de seu corpo nu em meio a uma lavoura. As mulheres indígenas, desde a invasão dos colonizadores, são alvos de todo tipo de violência, sobretudo o estupro, a tortura e a morte com requintes de crueldade. O extermínio de indígenas desde a invasão de Abya Yala pelos colonizadores está novamente no centro do debate. No Brasil, extermínio virou palavra de ordem. Cito, especificamente,

a reunião governamental do dia 22 de abril de 2020, na qual o até então Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, recomendou que o governo bolsonarista aproveitasse que o foco da sociedade e da mídia estavam voltados para a pandemia de covid-19 para “deixar passar a boiada”. Ele fez eco à campanha eleitoral em que as áreas de proteção ambiental, as reservas indígenas, as comunidades ribeirinhas e as áreas de quilombolas deveriam ser revistas para beneficiar alguns poucos empresários do agronegócio e para a ampliação de terras para criação de gado e de cultivo de grãos transgênicos regados a venenos. Pessoas humanas e não humanas são exterminadas juntamente das áreas de preservação para beneficiar o agronegócio globalizado e acionar as milícias que facilitam a venda de armas e o narcotráfico internacional.

O termo Abya Yala é utilizado por feministas decolonialistas, indígenas, rurais, populares, negras e lesbofeministas para rever as nossas narrativas. Norma Mogrovejo, em 2021, revisou o seu livro *Un amor que se atrevió a decir su nombre: la lucha de las lesbianas y su relación con los movimientos homossexual y feminista en América Latina*. O título da reedição e revisão realizada utiliza Abya Yala no lugar de América Latina, segundo a autora, como esforço para “decolonizar nossas corpos ao rever nossa história”. A palavra não é uma simples troca de nomenclatura, é, sobretudo, um ato político de resistência e de revisão. Abya Yala, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América.

Autoras como Yuderkys Espinosa Miñoso, Patricia Karina Vergara Sánchez, Ochy Curiel Pichardo, María Lugones, Silvia Rivera Cusicanqui, Gloria Anzaldúa e Sueli Carneiro são

algumas das feministas decolonialistas que estão propondo revisitarmos as lutas feministas, relacionando-as com os processos de colonização em Abya Yala. É nesta perspectiva que proponho o título *Chanacomchana e outras narrativas lesbianas em Pindorama*. Pindorama foi o nome dado ao Brasil pelo povo originário ando-peruano e indígena pampiano, e significa “região ou país das palmeiras”. Penso que Pindorama, sendo um nome dado por povos originários, nos conecta às amazonas, às mulheres indígenas guerreiras que há séculos lutam bravamente pelo direito à vida e à terra. Os nossos corpos são um território político e como tal uma construção histórica.

Repensar o texto e dar-lhe um novo formato não é uma questão estilística, é um ato de político. Me assumo, em primeiro lugar, feminista por compartilhar com minhas irmãs indígenas, negras, jovens, anciãs, benzedeadas, curandeiras, mães, sacerdotisas, e tantas outras, formas de ser e estar no mundo, assumindo o risco e a aventura de derrubar as barreiras impostas pelo patriarcado. Além disso, me assumo lesbiana para me rebelar contra as limitações impostas pelo sistema hétero.

Mantive a sigla LGBTT (Lesbianos, Gays, Transexuais e Travestis) que agregava os grupos no contexto da redação inicial. Houveram muitas mudanças e, provavelmente, estão acontecendo outras. Nos boletins analisados não havia uma única sigla e hoje muito menos. Desta forma entendo que as sujeitas presentes nos materiais estão contempladas na sigla adotada nas fontes da pesquisa, que é um registro historiográfico.

SUMÁRIO

**COM POESIA, AFETO, ORGULHO E
EMPURRÕES EM MUITAS PORTAS 9
SOBRE AMIZADE, AMOR, AFETOS E
OUTRAS PRÁTICAS FEMINISTAS 13
APRESENTAÇÃO DA AUTORA 17
PALAVRAS INICIAIS... 22**

PARTE I

**HISTÓRIA, ANÁLISE DO DISCURSO E
CRÍTICA FEMINISTA 27**
QUE HISTÓRIA É ESTA? 27
LESBIANAS EM MOVIMENTO 39
AS NARRATIVAS LESBIANAS
SELECIONADAS 45
QUEM SÃO AS LESBIANAS? 51
SUJEITA E EXPERIÊNCIA NAS TEORIAS
FEMINISTAS 56
SEXO, IDENTIDADE E CORPO 67
O SEXO-REI: OS CORPOS SEXUADOS E O
DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE 67
A IDENTIDADE EM QUESTÃO 77
AS POLÍTICAS DO CORPO 85
**AS LESBIANIDADES ENTRE TEORIAS E
MOVIMENTOS 97**
A LESBIANIDADE VISTA PELAS LENTES
FEMINISTAS:
BONNET, CHAMBERLAND E SWAIN 97
O AMOR ENTRE MULHERES COMO ATO
POLÍTICO NOS
ANOS 1970: O FEMINISMO LESBIANO E A
DESCONSTRUÇÃO
DOS CORPOS NATURAIS EM WITTIG E
RICH 109
FEMINISTAS RADICAIS – FEMINISTAS
LESBIANAS –
FEMINISTAS SEPARATISTAS 120

PARTE II

SAINDO DO ARMÁRIO 129
AFIRMAÇÃO E VISIBILIDADE NOS
MOVIMENTOS SOCIAIS 129
PARA UMA GEOGRAFIA POLÍTICA DAS
LESBIANAS 135
**AS REPRESENTAÇÕES E AS
AUTORREPRESENTAÇÕES LESBIANAS:
ANÁLISE DOS BOLETINS E REVISTAS
LESBIANOS 141**
IAMURICUMÁ: LESBIANIDADE SEM
ROSTO (1981) 141
CHANACOMCHANA: VISIBILIDADE E
AÇÃO (1981-1987) 148
Jornal *Chanacomchana* (1981) 148
O boletim *Chanacomchana* e a criação do
GALF (1982-1987) 155
GALF E O BOLETIM *UM OUTRO OLHAR*
(1987-1994) 168
Boletim *Um Outro Olhar* número 5 176
1990: A criação da Rede *UOO* 191
UM OUTRO OLHAR E A POLÍTICA DE
IDENTIDADE (1995-2002) 201
1998... 212
Em matéria de memória 214
1999... 228
**10 ANOS DE ATIVISMO NO SENALE
(1996-2006):
DIFERENÇA, NOMADISMO E
MULTIPLICIDADE
NOS MOVIMENTOS LESBIANOS 242**
**PARA ALÉM DE UMA CULTURA
LESBIANA: CONSIDERAÇÕES FINAIS
265**
REFERÊNCIAS 273
FONTES 288
SOBRE A AUTORA 293
SOBRE A EDITORA LUAS 295